
ANDRÉS, José - Román Flecha. **Vida Cristã, Vida Teologal: para uma moral da virtude**. São Paulo: Loyola, 2007, 281p.

José-Román Flecha Andrés é licenciado em filosofia pela Universidade de Santo Tomás e em teologia pela Universidade Gregoriana, ambas em Roma, e é doutor em Moral pela Academia Alfonsiana de Roma. Sacerdote da diocese de León, leciona Teologia Moral na Universidade Pontifícia de Salamanca.

Segundo o próprio autor, a obra foi pensada como um manual, visando a facilitar o estudo das virtudes, o que alcança em grande parte, mas não tão bem quanto consegue apresentar um estudo de teologia moral norteada pela íntima relação entre as virtudes e os dons do Espírito Santo. A obra é, ao mesmo tempo, um exemplar de uma abordagem da Moral na perspectiva das virtudes e uma apologia de tal concepção, como adequada ao pensamento cristão contemporâneo.

Estruturalmente, a obra se constitui por treze capítulos interpostos a uma introdução e a uma conclusão, sendo ambas muito breves. Os assuntos abordados em cada capítulo estão orientados de modo que o movimento do desenrolar do conteúdo apresenta, primeiramente, uma compreensão ampla do significado de “virtude”, tratando, logo em seguida, das virtudes teologais, das cardeais e dos dons do Espírito Santo, respectivamente, até chegar às considerações relevantes a respeito de uma moral fundamentada na postura virtuosa. Como próprio de um trabalho de teologia cristã, Andrés procura também apresentar os temas dos capítulos como se dão nos textos bíblicos, na história da teologia e na doutrina da Igreja.

A marca de um esforço por uma sólida fundamentação antropológica perpassa toda a obra. Tal empenho parece se justificar pela complexidade do universo contextual, relativo ao tema das virtudes, a partir do qual esta é produzida. Se, por um lado, a Modernidade, segundo Andrés, substituiu a virtude, como fundamento do *bem agir* - e condição para a realização humana (Antiguidade), pelo dever ou norma positiva, a contemporaneidade, por outro, - contexto ao qual essa obra precisa atender - reafirma o valor da subjetividade, mas dessa vez com ênfase no indivíduo voltado a valores estéticos. Em meio a uma pluralidade tão vasta, a fundamentação antropológica se faz necessária, pois a individualidade humana é algo comum a todas as pessoas.

Enquanto propositor de uma moral da virtude, o autor defende que a vida cristã deve ser uma vida teologal, ou seja, deve ser virtuosa porque implica em uma íntima relação com Deus em sua integridade. Guiado por este pensamento, o autor aborda cada capítulo buscando superar o relativismo hodierno e as vozes do legalismo, que ainda se fazem ouvir. Demonstra uma pedagogia que expressa o estreito vínculo entre natureza humana e valores antropológicos, e entre estes e a realização das virtudes, num caminho de vida cristã que conduz à beleza, à plenificação e à felicidade.

Nos quatro primeiros capítulos - 1. *A essência da virtude*, 2. *A virtude na doutrina bíblica*, 3. *A virtude na história da teologia* e 4. *As virtudes na doutrina da Igreja* -, o autor trata de forma concisa sobre a compreensão da virtude nos campos mais relevantes para a teologia cristã. Nos três capítulos subseqüentes - 5. *A virtude da fé*, 6. *A esperança* e 7. *A caridade* -, ele faz praticamente um estudo sobre essas virtudes ditas "teológicas", esclarecendo seus significados e sua relevância para a vida do cristão. Esse conjunto de capítulos, por tratar das virtudes que inspiram a reali-

zação das outras, que por elas também se expressam, precede o conjunto dos capítulos sobre as quatro virtudes cardeais - 8. *Virtude da prudência*, 9. *A virtude da justiça*, 10. *Virtude da fortaleza* e 11. *A virtude as temperança* - que segue, basicamente, a mesma orientação do conjunto anterior.

No capítulo 12 - *Dons do Espírito Santo* - é explicitado que as três grandes “virtudes” tornam-se cotidianidade na atuação com prudência, justiça, fortaleza e austeridade, e que tais potências qualificadoras de todo “ser homem” elevam-se à altura do Pai, segundo o modelo do Filho Encarnado, graças aos dons do Espírito (p. 234). O primeiro dom de Deus ao ser humano é Ele próprio, que “se nos dá como ‘a fonte da vida’ (Sl 36,10) e como a providência benévola que nos mantém no ser e no amor” (p. 235). Tratando também do significado dos dons na história da Igreja e da teologia, bem como de sua abordagem na bíblia, o autor encerra de modo interessante este capítulo com as relações entre os dons e as virtudes da fé e do amor feitas pela literatura cristã, no decorrer da história. Então, pensando ser mais próprio às necessidades da situação atual, Andrés faz por si mesmo uma interpretação dos dons no contexto da *esperança*.

No último capítulo - *Para uma moral da virtude* -, os elementos assinalados anteriormente servem de pressuposto para a afirmação do presente que precede ao esplendor escatológico como o tempo próprio da vida virtuosa, fertilizada pela graça divina. As virtudes podem ser compreendidas como tarefa moral, como revelação e como promotoras da santidade humana. São elas uma forma de viver a vida de modo mais integral e uma forma de participação na vida da Trindade.

Enfim, o autor conclui que a grande meta do itinerário humano é Deus mesmo e que “o objetivo de uma vida virtuosa consiste em chegar a ser semelhante a Deus” (São Gregório de Nissa).

Rômulo Gomes de Oliveira